

Artigo

Estado de Minas, vitalidade aos 80 anos

Desembargador Orlando Adão Carvalho - Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais

Os 80 anos do “Estado de Minas” demonstram a vitalidade do jornal e sua grande capacidade de se renovar para acompanhar a evolução dos tempos, atento às novas exigências e expectativas. Desmascaram as profecias de que o mundo virtual iria desbancar o jornal impresso. O que se percebe, na verdade, é a convivência com a multiplicidade de mídias, com acesso a notícias de fontes diversificadas, fato altamente benéfico à sociedade e ao fortalecimento da cidadania.

Como magistrado, pude acompanhar o empenho do “Estado de Minas” para se especializar na cobertura do Judiciário, culminando com a criação do caderno “Direito & Justiça”. Há pouco mais de dez anos, não havia notícias sobre a realidade das instituições judiciárias, suas decisões e especificidades. Com o anseio emergente por informações sobre a Justiça, o “Estado de Minas”, prontamente, preparou-se para atendê-la.

Isso sem contar outros investimentos do jornal, como os cadernos “Pensar”, “Bem Viver”, o recente “Ragga Drops”, voltado para o público jovem, as mudanças visuais, as coberturas especiais, aliadas à tradicional cobertura política das Gerais, que sempre diferenciou “o grande jornal dos mineiros”. Por falar no caderno “Pensar”, preciso dizer que conheço várias pessoas que aguardam, ansiosamente, para acompanhar as reflexões do sábado, com temas variados e interessantes.

O “Estado de Minas”, conforme já foi amplamente divulgado, começou a circular no dia 7 de março de 1928, quando os acadêmicos Pedro Aleixo, Mendes Pimentel e Juscelino Barbosa compram o acervo do “Diário da Manhã”. Eles se juntam a Milton Campos e Abílio Machado para criar a sociedade. Em 1929, Assis Chateaubriand incorpora o novo jornal aos Diários Associados.

Eram bons tempos aqueles. Época em que jornalismo era sinônimo de grandes nomes da literatura, como Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura – só para citar alguns exemplos. O próprio “Estado de Minas” viu nascer o talento do cronista Rubem Braga, dentre vários outros.

No livro “O desatino da rapaziada”, Humberto Werneck conta a história. Newton Braga, irmão de Rubem, veio de Cachoeiro do Itapermirim para Belo Horizonte em 1929, a fim de se tratar de uma tuberculose. Restabeleceu-se, chegando a ser zagueiro do segundo time do América. Formou-se em direito e, quando voltava para casa, em 1932, perguntou se não poderia deixar o seu emprego no “Estado de Minas” para o irmão mais novo, então com 19 anos.

Naquele tempo, não havia faculdade de comunicação, nem, é claro, exigência de diploma. Muitos anos mais tarde, já no final da década de 50, o exercício do jornalismo também não pressupunha formação em curso superior. Foi assim que ingressei na “Folha de Minas”, em 1959.

Na verdade, fui contratado para trabalhar no departamento de pessoal, com a Dona Lourdes Boechat Cunha. Porém, sempre que encerrava o expediente, curioso e atraído pelo exercício do jornalismo, eu ficava na redação até altas horas.

A minha enorme vontade e persistência acabaram por me trazer a oportunidade. Uma senhora entrara em trabalho de parto, dentro de um bonde que partia da atual rodoviária, antiga Feira de Amostras. Não havia nenhum jornalista na redação e acabei sendo escalado para fazer a cobertura.

Acompanhei todo o trabalho da Polícia e cheguei a ajudar naquele momento de aflição. Primeiro, a senhora foi levada para a Santa Casa. Mas, como ela era esposa de um funcionário público municipal, acabamos batendo em retirada para o Hospital Odilon Beherens. Cheguei ao jornal e escrevi toda a história, entregando-a ao secretário de redação Célio Horta. Foi aí que me tornei jornalista, profissão que exerci de 1959 a 1964, tendo, inclusive, trabalhado no “Binômio”, onde cheguei a ser secretário de redação.

Aliás, ainda guardo a carteira de jornalista, da qual muito me orgulho. O jornalismo é uma profissão empolgante, é ágil e dinâmica. Muitas vezes, penso que a experiência na imprensa influenciou também a minha carreira na magistratura. Sempre procuro soluções, sou rápido para pensar e decidir, naquele “tempo” do jornalista que precisa dar sua contribuição para a edição de cada dia.

Muito se tem discutido hoje sobre a imprensa. Várias críticas têm sido feitas relacionadas à subserviência ao mercado e à publicidade, à tendência de se buscar agradar sempre o consumidor ou cliente. Há quem diga que “o jornalismo político-literário tornou-se empresarial”.

São também questionamentos comuns: o denunciamento, a espetacularização, a falsa aparência de objetividade, a produção de matérias sem a devida apuração, contextualização e “vivência” dos fatos, principalmente com o advento das assessorias de comunicação e das agências de notícias.

Existem os que reprovam a prisão das técnicas de redação ensinadas nas escolas, com seu “lead” e “sublead”, aliada aos manuais de redação, que deixaram as matérias e reportagens parecidas e sem originalidade, perdendo aquele sabor antigo dos jornais, bem como os “furos” de reportagem, as matérias investigativas e os textos de verdadeiros mestres.

Talvez, mediante todos os questionamentos, que não poupam nenhuma instituição, possamos concluir que o jornalismo tem uma importante função social. Isso é inegável. Há erros e acertos no passado e no presente.

Porém, muita história tem saído do limbo graças à atuação da imprensa. Diariamente, através dos jornais que circulam atualmente, somos levados a conhecer a vida de cidadãos do mundo inteiro, realidades distintas que nos chegam de forma instantânea, com o advento das mídias eletrônicas.

Reafirmo que uma das grandes vantagens de hoje é a pluralidade de veículos de comunicação, sem contar os saberes que a internet tem o poder de disseminar. Se é verdade que o caminho da humanidade é o aperfeiçoamento constante, o que é válido para a Imprensa, para o Judiciário e para a sociedade, é inegável que todas as instituições têm o seu papel relevante.

Nestes 80 anos do “Estado de Minas”, queremos deixar nosso reconhecimento a àqueles que se empenham para levar notícia de qualidade aos mineiros. Não posso esquecer o grande e saudoso Gegê, Geraldo Teixeira da Costa, meu conterrâneo de Santa Luzia, cuja garra está refletida no filho empreendedor Álvaro Teixeira da Costa. Meus cumprimentos ainda ao dedicado Edson Zenóbio, extensivos à equipe. Muito da nossa história está retratada e foi construída com a atuação desse Jornal do qual muito nos orgulhamos, ao qual desejamos novas e inúmeras páginas de muito sucesso.

6.595 caracteres